

TERRA DE RINOCERONTES, TERRA DE HOMENS

Apesar das legislações nacionais e internacionais, da intervenção dos corpos de guarda aos Parques e às Fronteiras e da acção de Instituições, de que é exemplo a CITES, é dado adquirido que continua o consumo proibido do marfim de elefante, das carapaças das tartarugas marinhas, das peles dos felinos e dos repteis, da pele dos crocodilos, dos cornos do RINOCERONTE.

No que respeita a este mamífero, o seu consumo ocorre predominantemente no Oriente e no Norte de África e, o pó do seu corno chega a igualar o preço do próprio ouro.

O corno continua sendo comercializado e exportado de África, o que já acontecia antes da chegada dos nautas portugueses ao Índico. Este comércio acentuou-se depois com as actividades dos Europeus que levavam de África, marfim e "dentes de abada", ou seja, cornos de rinoceronte, que na Índia trocavam por tecidos e misanga, objectos estes trocados com os africanos, que muito os apreciavam.

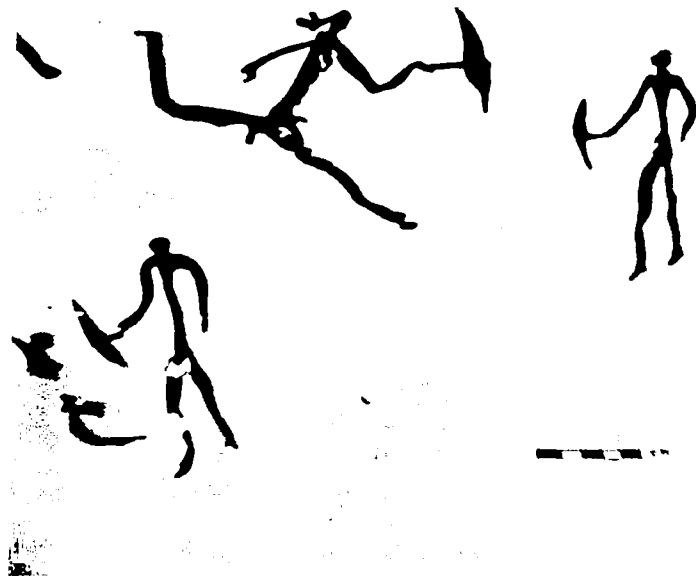
O secular abate do rinoceronte não cessa, sendo crescente, hoje, a procura face à oferta que escasseia. A proliferação de armas cada vez mais complexas, as persistências das guerras coloniais e das guerras civis pós-independência têm vindo a contribuir para o desequilíbrio dos ecossistemas, destruindo a biomassa, fragilizando a capacidade regeneradora do meio e ameaçando de extinção alguma Fauna protegida, particularmente o RINOCERONTE.

A utilização do corno e outras partes desta espécie animal parecem apontar no sentido duma provável associação ao simbólico.

O uso do pó dos cornos como afrodisíaco terá possivelmente ligação analógica com as formas e dinâmica da vida sexual da espécie e da própria força dos seus cornos.

No mesmo sentido, ao corno são ainda atribuídas múltiplas outras virtudes de poder, de prestígio e de purificação.

A procura dessas forças levou já à quase extinção do Rinoceronte no Oriente.



pelo que o "produto" cobigado tem como fonte o Continente Africano, e a juíza sua parte mais vulnerável, mais periférica, isto é, a África Negra.

É neste contexto que se nos impõe abordar não só a fauna, o consumo, as artes plásticas, a utilização simbólica e outros temas respeitantes ao Rinoceronte (já tratados em textos), mas interrogarmo-nos também, ainda que pontualmente, sobre o principal explorador deste produto — o Homem Africano, a Sul do Sahara.

Esta grande mancha territorial encerra em si comunidades humanas bem diversas, como diversas são a geografia e a ecologia. No entanto, na sua diversidade ela aponta nos uma significativa unidade no que respeita aos indicadores de debilidades no campo social e económico. Por isso, a tomamos, grosso modo, em bloco.

Nesta parte do rico Continente Africano campeariam livremente, como em nenhuma outra parte do mundo, os "Cavaleiros do Apocalipse", como sejam a guerra fratricida, com os seus cortejos de mortos, feridos, refugiados e deslocados, a fome nas suas várias graduações, que vai desde a sub-nutrição a morte por inanição, a doença que ganha dimensões enormes, sendo praticamente inexistentes as infra-estruturas sanitárias, a cólera que aumenta em ritmo catastrófico, os números relativos à SIDA, apontando que, de 1,7 milhões de mulheres infectadas com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), 1,2 milhões são constituídos por africanas; o agravamento, dia a dia, da dívida externa, a vertiginosa e a mais baixa esperança de vida e a mais alta taxa de mortalidade infantil, no mundo, a expectativa dum grande aumento de população que poderá atingir os 700 milhões de habitantes no ano 2000, o acntuar do exólio rural e do desentramamento urbano.

Desta forma e em termos de Países Mais Pobres do Mundo, alguns Estados a Sul do Sahara ganham as últimas posições da lista — segundo o Banco Mundial — como é o caso de Moçambique, com um rendimento per capita de cerca de 80 dólares, enquanto no extremo oposto nos aparece a Suíça com um rendimento per capita superior a 30 000 dólares.

Perante esta realidade, é por demais evidente, a vulnerabilidade, a fragilidade de do Homem Africano. Daí que seja frequente a estar no Africano, o papel de "homem de mão" ou seja de executor do abate furtivo, nomeadamente do rinoceronte, ficando oculta a mão que os impulsiona e cujos altos interesses são estranhos à quem mata e à comunidade a quem este "pertence".

Dado o exposto, vemos cair o número de rinocerontes, a nível mundial, nos últimos trinta anos, de cerca de 100 000 para menos de 12 000.

É no que respeita concretamente ao Dicorno bicorno, de 1 milhão destes rinocerontes existentes em África, no século passado, só restam atualmente cerca de 3 500.

Como exemplo de escasseamento, passamos a pontualizar, somente, o significativo caso de Yemen do Norte, que importou entre 1970 e 1971, cerca de 22 toneladas de corno de rinoceronte.

Os referidos números ilustram, em não só entender o enorme e contínuo saque. Sem contrapartidas, esta ameaçada a preservação da espécie e a produção da riqueza.

O saque continua. Estende-se aos recursos minerais, aos alimentos, às trocas e aos recursos humanos.

Jose Fialho
A. Lino Rodrigo